

## **O dia em que conheci um homem digno Um pequeno depoimento para um grande homem**

Publicado no Boletim Informativo da UNIFESP

Voltei a atender no consultório após uma ausência de quase três semanas por merecidas férias.

Felizmente, para a falta de ritmo de um retornante, os primeiros atendimentos daquela tarde-noite foram antigos pacientes, para controle ou com sintomas exarcebados.

Por fim uma primeira consulta. Entram uma senhora e uma jovem, trajes simples mais elegantes, simpáticas. Tento adivinhar a paciente perguntando qual das duas era a vítima.

- *Minha filha*, responde a senhora.
- *Como se chama, minha bela jovem?* continuo com um velho chavão.

Aqui não importa o nome, nem antropometria, nem as queixas ou antecedente, mas sim a resposta, dada pela mãe, quando a praxe me levou a interrogar quem a encaminhara para meu consultório.

- *Meu caro doutor, minha filha tem asma e foi acompanhada desde criança pelo doutor Ratto e, como ele faleceu, tivemos que procurar outro médico.*

Pensei em continuar: - *Quando, como, onde?*, mas a emoção foi mais forte que a curiosidade. A consulta se seguiu técnica, taciturna e quase monossilábica, até o instante que os sentimentos vencendo o controle do racional, se materializaram em lágrimas. Nem sei como consegui concluir a consulta, após justificar o significado daquela informação.

Quando elas saíram, pedi para a secretária aguardar um tempo antes de encaminhar um novo pacientes.

Estiquei-me na poltrona e partes da minha vida passaram como um seriado até se fixar num distante dia de março de 1975.

. . . . .

Uma quinta-feira, nove horas da manhã. Fazia o frio para um paraense desconhecedor das precoces frentes frias paulistanas.

Escola Paulista de Medicina. Quarto andar do prédio onde hoje funciona o PS e os ambulatorios. Sala do titular da Disciplina de Pneumologia e que acumulava, naquela época a Chefia do Departamento de Clínica Médica.

Teria ali um encontro acertado por telefone, de Belém, para tentar um estágio na Disciplina.

. . . . .

Em Belém, durante os meses de janeiro e fevereiro, havia realizado um Curso de Propedêutica, onde fui apresentado por Rui Barata, meu colega de turma e mestrando de nefrologia, ao Prof. Osvaldo Ramos, que me aconselhou a fazer um estágio em São Paulo. Ele mesmo indicou o número do telefone do Professor de Pneumologia, a disciplina que me interessava.

No telefone, uma voz de boca-cheia, rápida e ríspida.

- *Pode vir, venha conversar comigo e vamos ver o que lhe posso oferecer.*

. . . . .

Havia uma pequena ante-sala, onde uma secretária atenciosa dedilhava uma máquina elétrica. Com a humildade de pedinte, interrompí.

- *Por favor, doutora, é esta a sala do professor Ratto?*

- *Sim, meu nome é Marcia, sou sua secretária e não doutora. Você deve ser o médico paraense que vem para um estágio. O doutor Ratto está lhe aguardando. Ele está realizando a Visita Semanal na enfermaria. Olhe tome um café e sente-se para aguarda-lo.*

Impacto! Ele me aguardava. Uma secretária atenciosa. Fui reconhecido como médico. Era uma pessoa agendada.

Num banco de corredor, novo seriado mental.

. . . . .

Cheguei em São Paulo no dia anterior e logo me alberguei na casa de uma viuva, que oferecia quartos para estudantes, bem próximo ao Hospital São Paulo.

Primeira noite. Debaixo da coberta, tive sono entrecortado ora pelo tremor do frio, ora pelo temor do futuro dia seguinte.

Imaginava, como seria recebido um ex preso político, recém liberto, com processo na justiça militar, em andamento, sem sentença, sem prognóstico.

. . . . .

Me formei em 1968, no dia 11 de dezembro. Dia 13, o AI-5 e perseguição aos militantes do movimento de esquerda estudantil. Dia 14, fugia de Belém. Cinco anos e meio de militância ilegal. Prisão em abril de 1974, torturas, fragilidade, medo, lembranças, decisões.

Seria possível refazer minha vida, antes clandestina, agora institucional? Seria capaz de aprender, retomar a profissão parcialmente exercida e quase que totalmente esquecida?

. . . . .

Naquela espera, situava-me. Casado, com um filho, orgulho ferido e sem outras alternativas.

Como deveria me comportar na entrevista? Disposto e decidido, resolvi que melhor seria a franqueza e abertura.

Passa um homem alto, esguio, jaleco sobre camisa social e gravata. Refletia imponência e segurança. Ao entrar na sala descobri que era quem eu esperava.

Conversou com Márcia, percebi que assinava alguns papéis e lhe passava instruções. Eternidade! Não, ansiedade...

Veio até mim. Olhou-me com discreta curiosidade. Levou-me para sua sala com a mão em minhas costas.

. . . . .

Foram mais de uma hora de perguntas e respostas. Não um interrogatório ou uma inquisição, mas uma conversa franca e fraterna, concluída com um aceite lapidar.

- *Não me importa o que V. fez ou pensa, mas o que quer e está disposto a aprender e fazer daqui para frente, seja bem vindo a Disciplina de Pneumologia.*

. . . . .

Último impacto. Naquele dia havia conhecido um homem digno.

Professor Octávio Ribeiro Ratto.

Alguém difícil de ser esquecido. Fundamental em minha vida. Para sempre presente nas minhas lembranças e emoções.

Fernando Augusto Fiuza de Melo